

A TERAPIA ASSISTIDA POR CÃES E SUA REPERCUSSÃO NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL INFANTIL

THE ASSISTED THERAPY WITH DOGS AND IT'S REPERCUSSION IN CHILDREN'S INSTITUCIONAL HOSTING

¹BUENO, A.P.; ²OLIVEIRA, F. S.

^{1e2}Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente artigo visa abordar uma nova forma de terapia, ainda pouco reconhecida no Brasil: a terapia assistida por animais, tendo como uma de suas principais características a utilização de animais como coterapeutas com o intuito de promover saúde e melhora na qualidade de vida por meio da relação entre ser humano e animal. Este estudo enfatizará o cão como sendo o animal mais recomendado para a realização dessa forma de terapia, já que o mesmo apresenta habilidades elevadas para a compreensão do comportamento humano, podendo trazer contribuições positivas para a psicologia como ciência, sendo que sua utilização como técnica por profissionais, se diferenciando de outras formas de terapia, repercute de maneira benéfica, principalmente, no que diz respeito à criança e seu bem-estar. Dessa forma, ao relacionar essa nova forma de terapia ao trabalho do psicólogo em instituições de acolhimento institucional, busca-se elencar e evidenciar as várias maneiras que essa, contribui para o desenvolvimento e formação de vínculos, de forma, que se utiliza o cão como um mediador entre a criança em situação de acolhimento institucional e o psicólogo.

Palavras-chave: Terapia Assistida por Animais, Psicologia, Acolhimento Institucional.

ABSTRACT

This article aims to approach a new form of therapy, still little recognized in Brazil: Animal-assisted therapy, with one of its main characteristics being the use of animals as co-therapists in order to promote health and improve the quality of life through of the relationship between human and animal. This study will emphasize the dog as being the most recommended animal for the accomplishment of this form of therapy, since it presents high abilities for the understanding of the human behavior, that can bring positive contributions to psychology as a science, and its use as a technique by professionals, differing from other forms of therapy, has a beneficial effect on children and their well-being. Thus, when linking this new form of therapy to the work of the psychologist in institutions of hosting, it is sought to list and highlight the various ways that this contributes to the development and formation of links, so that the dog is used as a mediator between the institutionalized child and the psychologist.

Keywords: Animal-Assisted Therapy, Psychology, Institutional Hosting

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se justifica ensejando contribuir e compreender aspectos que constituem a Terapia Assistida por Animais (TAA), que ainda não tem o devido reconhecimento no Brasil, e que poderá contribuir para o bem-estar de crianças em situação de acolhimento institucional. Nesse sentido, temos o intuito de ampliar o conhecimento sobre a Terapia Assistida por Animais (TAA), abrangendo suas repercussões e importância em relação às crianças institucionalizadas, se embasando no cão como sendo importante mediador entre a criança e o psicólogo, pelo seu histórico de relação com o ser humano.

A pesquisa tem como objetivo a compreensão das repercussões da TAA, buscando identificar as contribuições da terapia mediada por cães em crianças em

acolhimento institucional, demonstrando os benefícios relacionados aos aspectos psicológicos manifestados pelas crianças, e portanto, justificar a importância da terapia assistida por animais para a formação de novas técnicas de intervenção psicológica.

Desse modo, a relevância deste à psicologia, enquanto ciência consiste em que essa nova forma de terapia poderá ser benéfica, proporcionando uma grande melhoria na qualidade de vida das crianças em acolhimento institucional e mais qualidade e eficácia no que se diz respeito ao papel do psicológico na instituição de acolhimento.

Para a realização desta, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando tais instrumentos: teses, livros, artigos de revistas científicas, entre outras fontes. Procurando corroborar citações de autores que se disponibilizaram a estudar sobre o tema, seus entendimentos e conclusões sobre a utilização da terapia assistida por animais em crianças em acolhimento institucional.

DESENVOLVIMENTO

A relação ser humano e cão: o conceito de terapia assistida por animais

A convivência entre seres humanos e cães está gradativamente crescendo, e atraindo cada vez mais o interesse de profissionais de diversas áreas, levando-os a pesquisarem sobre esse laço profundo que envolve o estabelecimento de vínculos, de apego e de afeto, entre outros aspectos positivos, com o intuito de revelar quais benefícios para a saúde do ser humano esta relação é capaz de proporcionar, e o porquê de o cão ser especificamente escolhido como “o melhor amigo do homem”.

Segundo Chelini e Otta (2016), ao conviver com o ser humano, os cães desenvolveram várias habilidades de compreensão do comportamento e emoções do humano, desta forma, pode ser afirmado que os cães são sem sombra de dúvidas, os candidatos mais indicados a serem coterapeutas do reino animal, porém não sendo indicados para todas as pessoas, pois algumas apresentam reações aversivas.

Portanto, ao se aprofundar nas pesquisas realizadas em torno da relação homem e cão, se tornam claros os motivos pelos quais, os cães são considerados os melhores amigos do homem, já que os mesmos, são sensíveis ao comportamento do ser humano, sendo capaz de entendê-los e reagir de acordo com suas ações, por meio de inúmeras habilidades que foram desenvolvidas ao longo do tempo de convívio

das espécies. De acordo com Chelini e Otta (2016) dentre essas habilidades estão presentes: capacidade de compreensão de gestos comunicativos humanos, já que os mesmos possuem sistemas comunicativos semelhantes, e que ao longo dos anos ao lado do ser humano, foram aperfeiçoados de forma que a sensibilidade a pistas gestuais e comunicativas das pessoas foram ampliadas, diferenciação de faces e vocalizações humanas, direcionar a atenção ao ser humano, entre outras.

Não há como negar que essa relação tão especial, é sim benéfica ao ser humano podendo trazer diversas melhorias para seu estilo de vida e bem-estar, já que ao longo do tempo convivendo com o ser humano, os cães desenvolveram diversas habilidades específicas complexas para socializar e compreender o comportamento do ser humano. Miklósi e Topál (2005 apud ALBUQUERQUE; CIARI, 2016), defendem a ideia de que cães e seres humanos evoluíram juntos.

Assim sendo, no que diz respeito a utilização dessa relação entre ser humano e animal para promover saúde e melhora na qualidade de vida das pessoas, há vários estudos realizados por profissionais de diversas áreas, mas principalmente da saúde, educação e trabalhadores sociais, que ao introduzir os animais em sua prática comprovam a eficácia e os resultados positivos dessa nova forma de terapia. De acordo com Chelini e Otta (2016), dentre as atividades que utilizam a intervenção de animais, estão presentes: Intervenções assistidas por animais (IAA), Atividades assistidas por animais (AAA), Educação assistida por animais (EAA) e as Terapias assistidas por animais (TAA).

Para ESAAT - *European Society for Animal Assisted Therapy* (2011) a TAA se define como intervenções, que podem ocorrer de forma individual ou em grupo, que utilizam a integração do animal com o ser humano de qualquer idade, sendo estruturada por um triângulo que envolverá cliente, terapeuta e animal. Para que esta seja realizada, deve-se incluir planejamento pedagógico, psicológico e social, objetivando a promoção de saúde, prevenção e reabilitação. Dentre as áreas científicas envolvidas estão a psicoterapia, psicologia, educação, medicina entre outras.

Conforme Santos (2006), deve ser apontado também que a TAA não substitui, e sim complementa, de forma a auxiliar as outras modalidades terapêuticas, já que o contato com o animal promove benefícios da ordem psíquica, física e social. Ainda afirma que além dessas terapias, podem ser realizadas visitas - programa de visitação - onde os animais interagem com as pessoas alvos, na presença de seus donos.

Ainda para a autora, a TAA ocorrerá por meio de visitas frequentes feitas pelo animal selecionado – sempre com a presença da equipe de profissionais -, ficará por responsabilidade do terapeuta ao diagnosticar os pacientes, planejar as atividades que serão realizadas com animal, de acordo com as necessidades e prioridades de cada caso.

De acordo com a *American Veterinary Medical Association* (2011) os profissionais que atuam na área da TAA, devem se responsabilizar pelo bem-estar do animal, garantindo a eles, saúde, comportamento apropriado para as atividades e os conservando de prejuízos durante a participação. Dentre os requisitos que envolvem a saúde do animal utilizado na intervenção e devem ser avaliados estão: históricos médicos, exames periódicos, vacinação, higiene, primeiros socorros, entre outros. Dessa forma, é incontestável que ao se falar sobre TAA, a presença de no mínimo um indivíduo que garanta a saúde do animal que participará é necessária, na maioria dos casos, esse, é o proprietário ou o condutor do animal.

Assim, como é destacado pelos autores acima, a saúde de todos os envolvidos terá prioridade na prática da TAA para que, desse modo a terapia possa resultar em efeitos positivos para o paciente, possibilitando o estabelecimento de um vínculo harmônico entre todos os envolvidos na atividade.

Segundo Roma (2016), o papel do terapeuta envolverá planejar e executar um programa terapêutico a partir dos objetivos determinados, considerando as necessidades individuais de cada paciente. Será de sua responsabilidade definir técnicas e materiais que irão possibilitar a coleta de dados sobre o paciente, como entrevistas, testes; com o objetivo de identificar limitações, preferências, demandas. Um dos exemplos utilizados pela autora sobre as limitações que podem ser encontradas, seria o medo inicial que algumas pessoas podem apresentar ao lidar com o animal, nesse caso, o cão será inserido lentamente no setting terapêutico, com o propósito de familiarizar os envolvidos. Em alguns casos, essa relação é impossível de ser estabelecida. Há dois aspectos importantes que envolvem o papel do terapeuta para a realização da TAA, sendo eles a técnica, conhecimentos sobre o paciente e também sobre a teoria da TAA e o comportamento animal. E o segundo, está relacionado à habilidade de atuação em equipe interdisciplinar.

Em suma, a relação entre todos os envolvidos, principalmente paciente, terapeuta, condutor e cão, são um dos aspectos de extrema importância para o sucesso do tratamento, e os mesmos devem trabalhar com esse objetivo, favorecendo

as interações positivas e o estabelecimento do vínculo entre o paciente e o cão, por isso, todos os requisitos apresentados, devem ser respeitados e cumpridos, e para que isso aconteça, torna-se necessário a relação interdisciplinar entre terapeuta e condutor.

A criança em situação de acolhimento institucional nas modalidades de abrigo institucional

Conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais - Resolução nº 109/2009 CNAS, inclusa na Cartilha Acolhimento Institucional de Criança e Adolescente (2015) os serviços de proteção social que são oferecidos pelo SUAS (Sistema Único de Assistência Social), são divididos em três níveis de complexidade. Entre eles estão os Serviços de Proteção Social Especial de Alta Complexidade, incluindo o serviço de acolhimento institucional. Esses casos de alta complexidade geralmente envolvem a violação de direitos por meio de abusos sexuais, opressão ou maus-tratos. De acordo com Benetti (2002 apud AGUIAR; CARRERO; RONDINA, 2007, s/p), “o termo maus-tratos é entendido como toda ação cometida ou omissões na proteção da criança que resultem em lesão física, emocional, intelectual ou social.”

Porém é necessário o entendimento de que o acolhimento institucional só será efetuado quando todas as tentativas e possibilidades de manter a criança em seu ambiente familiar sejam esgotadas, pois o mesmo acarreta em consequências prejudiciais para o desenvolvimento infantil, já que o ambiente familiar é imprescindível para que a criança desenvolva sua identidade.

Segundo Hutz (2005 apud MOSSMANN; FARACO, s/d) as crianças ao estabelecerem contato e ao conviverem com sua família, além de iniciar a formação de suas primeiras identificações, também ampliam as características comportamentais de exploração do ambiente, a capacidade de autonomia e a regulação emocional. Porém, ao mesmo tempo, se essa família não contempla as necessidades da criança, acaba se tornando prejudicial para os filhos, pois ocasiona conseqüentemente a negligência, violência, abuso, chegando a situação de abandono, esta pode ser definida como a “omissão em termos de cuidados básicos: alimentação, higiene, estímulos e condições para frequentar a escola, para a oferta de medicamentos, por exemplo.” (ASSIS, 2004, p. 43).

É relevante ressaltar que essa pesquisa se embasa unicamente na possibilidade na qual crianças se encontram em situação de afastamento de seu ambiente familiar em Acolhimento Institucional na modalidade de Abrigo Institucional.

De acordo com Stegani (s/d), as instituições de abrigo são espaços destinados ao acolhimento de crianças e adolescentes afastados da família de origem por ordem judicial e que aguardam a definição de sua custódia. Seu funcionamento é coordenado por uma equipe multidisciplinar composta por uma equipe técnica, com psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, entre outros, e uma equipe de apoio, formada por pais sociais, zeladores, motorista, jardineiro, cozinheiro, entre outros.

Porém, segundo Mossmann e Faraco (s/d), por melhor que seja o abrigo, sempre será um lugar com características de uma instituição e não de um lar. Pois, as instituições ainda não conseguem lidar com todas as demandas já que fica totalmente por sua responsabilidade oferecer apoio e atenção para o desenvolvimento dessas crianças. “Os danos causados pela institucionalização serão tanto maiores quanto maior for o tempo de espera, que interfere não só na adaptação em caso de retorno à família de origem, como nos casos de inserção em família substituta” (SILVA, 2004, p. 64). Em relação a situação das crianças que chegam ou já estão a algum tempo inseridas nessas instituições, Costa (1993 apud MOSSMANN; FARACO, p. 3-4), relata que “crianças institucionalizadas são tristes, deprimidas, angustiadas, de futuro incerto e estão sempre a procura de migalhas de amor e ternura.” Questões como essas se tornam prejudiciais ao desenvolvimento infantil, e conseqüentemente acabam tornando essas crianças menos empáticas, inseguras e solitárias, dificultando o vínculo afetivo e a interação com a sociedade.

Noal e Neiva-Silva (2007 apud MOSSMANN; FARACO, s/d, p. 3), afirmam que, “quando uma criança chega à instituição, é porque, geralmente, já sofreu todo tipo de abandono, ficando para esta a difícil tarefa de tentar fortalecer o comportamento pró-social. As crianças chegam fragilizadas, necessitando de cuidado e atenção.” Dessa forma, fica evidente que a reconstrução do vínculo social se torna um processo lento e repleto de dificuldades.

Sobre o papel do psicólogo nessas instituições que abrigam crianças vítimas de maus-tratos, segundo Antoni e Koller (2001) o mesmo deve aliar sua prática à uma equipe multidisciplinar, buscando a capacitação desses profissionais, para que assim, seja possível a construção de um trabalho que amenize o sofrimento dessas crianças e resulte na promoção da melhora de qualidade de vida das mesmas, proporcionando

um ambiente mais adequado e que seja capaz de abarcar as necessidades básicas, e ao mesmo tempo, acolher e amparar as condições emocionais. Considerando essas condições, enfatizam que o trabalho do psicólogo em tais instituições não é tarefa fácil, pois nem todos os aspectos envolvidos dependem somente de sua ação.

Porém, Aguiar, Carrero e Rondina (2007), relatam que com base na literatura especializada sobre o assunto, é possível supor que o histórico de violência experimentado pelas crianças dificulta a formação de vínculo de confiança com o psicólogo, dessa forma, o profissional deverá encontrar meios para construir uma relação que beneficie essas crianças, permitindo que as mesmas a partir, do estabelecimento da confiança, possam revelar suas angústias, medos, inseguranças e desejos, facilitando assim, a função do psicólogo no ambiente institucional para que seja realizado um trabalho eficiente e que traga vantagens para o desenvolvimento de tais crianças.

Desse modo, é visível que o foco principal do trabalho realizado pelo psicólogo é o bem-estar da criança, vítimas dos maus-tratos e sua família, procurando evitar que esses danos possam interferir no futuro, de forma que se estabeleça um vínculo de confiança entre psicólogo e a criança, para que o mesmo se torne um mediador entre a criança e todas as instituições que a cercam. No entanto, essa função de mediador, não é uma tarefa fácil, dada as circunstâncias em que essas crianças chegam até a instituição, se encontrando em situação de medo e com vínculos rompidos, dificultando a empatia, confiança, autonomia, a expressão de sentimentos entre outros aspectos que estão diretamente ligados com o estabelecimento de vínculos. “O psicólogo poderá utilizar como recursos atividades lúdicas e dinâmicas de grupo, para promover a expressão de sentimentos, trabalhar a motivação, a autopercepção, ou para debater sobre temas variados.” (AGUIAR; CARRERO; RONDINA, 2007, s/p).

De acordo com Winnicott (1947, p.78 apud SILVA, s/d) “as crianças precisam de estabilidade ambiental, cuidados individuais e continuidade desses cuidados”. Segundo Bowlby (1997 apud SOUSA, 2010, p. 67) quando a criança lida com perdas requer uma relação de vínculo – por meio da confiança - e proximidade com outra pessoa, para que possa se recuperar, contando com o apoio da mesma, permitindo dessa forma, com que a criança volte a se vincular. “Além disso, expressar seus sentimentos e emoções em relação à situação de perda trata-se de um método eficaz para facilitar a superação [...]” (BOWLBY, 1997 apud SOUSA, 2010, p. 67).

Com base nos estudos sobre o tema abordado, afirma-se que a atuação do psicólogo no ambiente de acolhimento institucional se depara com dificuldades, principalmente relacionadas a construção de vínculo com as crianças que se encontram em abrigos, e igualmente, obstáculos em lidar com a agressividade destas, pois já que são vítimas de violência, se sentem ameaçadas e abandonadas, se tornando resistentes a qualquer tipo de relação social. “A ocorrência de comportamentos agressivos tem sido explicada em muitos estudos como resultado de situações de privação emocional.” (SOUSA, 2010, p. 45).

Dessa forma, pode-se observar que há alguns impedimentos na prática do psicólogo quando se trata de estabelecer um vínculo com as crianças, que apresentam a necessidade de inovação por parte do psicólogo, fazendo com que o mesmo busque novas formas e técnicas para se comunicar, estabelecer um vínculo com essas crianças, permitindo que estas entrem em contato com sua situação emocional.

A terapia assistida por cães relacionada a psicologia e suas contribuições para o acolhimento institucional infantil

A terapia assistida por animais é uma nova técnica, que pode ser aplicada no campo da psicologia. De acordo com os profissionais da área, nos âmbitos da Psicologia Hospitalar, Psicanálise e Clínica Analítico-Comportamental: Ramos, Prado e Mangabeira (2016) o cão é o animal mais utilizado para esse tipo de prática, já que o mesmo é muito próximo ao ser humano, tendo como uma de suas habilidades a compreensão de gestos e expressões humanas, dessa forma, os cães são considerados uma ferramenta no processo terapêutico. A função do cão na psicoterapia é de facilitador das técnicas específicas que já são utilizadas em cada abordagem, e é de suma importância que o psicólogo saiba qual o papel do cão.

Um dos primeiros relatos da utilização da TAA em práticas da área da psicologia, no Brasil, foram realizados por Nise da Silveira, no Centro Psiquiátrico Pedro II, onde o propósito de acordo com Silveira (2015) era relacionar o homem com o animal, e também de tornar menos frio o ambiente hospitalar, propondo aos doentes objetos de amor estáveis e incondicionais. Ao observar que os resultados dessa relação eram excelentes, Nise relata e questiona o porquê dessa prática não ser cultivada no Brasil, e cita que chegou a comentar esse fato com Boris Levinson – psicanalista americano, considerado pai da TAA -, em um trecho da carta mencionado

em seu livro “Imagens do Inconsciente” expõe: “Sem dúvida, para muitos desses doentes, os animais eram sua única linha de vida para a saúde mental”. (SILVEIRA, 2015, s/p). Nise da Silveira, também mantém contato com o professor Corson – Universidade do Estado de Ohio -, que lhe disponibilizou dados de sua pesquisa sobre esquizofrênicos e cães, onde dentre 30 casos, apenas 2 não apresentaram melhoras.

Ao elencar as práticas do psicólogo no âmbito da psicologia institucional e a TAA, considerando as intervenções que objetivam a promoção do desenvolvimento social e empático da criança, no âmbito do acolhimento institucional, a terapia assistida por animais, também demonstra obter resultados positivos.

Há algumas práticas no ambiente institucional que devem ser destacadas como o programa *Pet Smile*, fundado pela veterinária e psicóloga Hannelore Fuchs, onde são realizadas visitas quinzenais ou mensais a algumas instituições, são citadas: Escolas de Habilitação e Reabilitação Amor Perfeito I e III, a Instituição Beneficente Nosso Lar, o Hospital da Criança e o Lar Escola São Francisco. (DELARISSA, 2003).

Em situações onde a criança perde a confiança no adulto, como muitas vezes ocorre em crianças que estão acolhidas em instituições, o vínculo com o cão poderá renovar essa confiança, de tal modo, que passará a confiar novamente em adultos, como por exemplo, no psicólogo. (LEVINSON, 1969 apud DELARRISA, 2003).

Para Boris Levinson (1969 apud CHELINI; OTTA, 2016, s/p) - considerado o pai da TAA:

Quando a criança brinca com o cão, ela estabelece seu próprio mundo cujos limites ela mesma determina. O terapeuta, então, participa dessa aventura penetrando num cantinho do mundo da criança, onde a criança se sente segura. Nele, criança e terapeuta estão em pé de igualdade e as portas da comunicação podem se abrir entre eles.

Conforme Laplanche e Pontalis (1991 apud DELARISSA, 2003, p. 134) a criança desenvolverá um processo de identificação com o animal, tendo como identificação: “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. [...] A operação pela qual o sujeito humano se constitui.” Levinson (1969 apud DELARISSA, 2003), ainda ressalta que, Freud afirma que no início de sua relação com o animal, a criança talvez sinta medo, porém devido ao processo de identificação, constrói um vínculo com o animal, aprendendo a amá-lo.

Portanto, uma das principais vantagens da intervenção com cães no tratamento de crianças que estão em situação de acolhimento institucional, seria a abertura que essa relação entre criança e cão, abrirá para que o psicólogo possa participar desse mundo particular, onde poderá ter acesso aos sentimentos, angústias, entre outros aspectos que envolvem a criança, facilitando também a formação de um vínculo para que a criança estabeleça um sentimento de confiança para com o terapeuta.

Para Efron et al. (s/d) a atividade lúdica é considerada como uma forma de expressão própria da criança, desse modo, se justifica a instrumentalização para que sejam ampliadas as possibilidades de comunicação. Os principais instrumentos que podem ser oferecidos para as crianças são aqueles que propiciam o brincar, para que assim, a criança expresse no brincar seus conflitos internos e sua personalidade. O cão no âmbito da instituição e da TAA, poderia também ser considerado um desses instrumentos, já que nessa relação haverá uma troca de papéis, a identificação projetiva, facilitando a representação de fantasias e conflitos.

Conforme Vaccari e Almeida (2007), a TAA é principalmente indicada para crianças, e enfatizando os estudos de Levinson para comprovar que o animal pode ser identificado pela criança como um objeto de fantasia, sendo assim, um meio para a criança desenvolver sua independência, e conseqüentemente, se tornar mais responsável. O cão poderá ser considerado como um amigo imaginário, atuando também como fonte de amor incondicional e lealdade, sem o perigo de frustrações, assim, promovendo apoio em meio a conflitos em suas famílias, servindo até mesmo de consolo.

O contato com os animais facilita o contato com as pessoas, funciona como um elo para que se possa estabelecer um contato com os internos. É difícil a não aceitação aos animais, pois geralmente a se ver um cão ou um gato no colo de alguém a primeira reação que se tem é olhar com simpatia para o animal e tentar estabelecer algum contato com ele. A partir disso, fica bem mais fácil o contato humano, pois se criou uma ponte entre o visitante com o animal e o interno. O foco do trabalho está na melhora de pessoas que necessitam de atenção especial. (ABREU et al., 2008, s/p).

À vista disso, é indiscutível que, o papel que o cão exerce ao auxiliar o psicólogo nas práticas e intervenções que embasam crianças em acolhimento institucional, é de suma importância e que realmente facilita essa interação, para que esse processo repercuta positivamente na vida dessas crianças. A seguir, serão levantados e discutidos algumas vantagens e repercussões positivas que esse tipo de terapia propicia.

Abreu et al. (2008), ainda abordam que ao entrar em contato com um animal e acariciá-lo facilita-se a criação de um vínculo afetivo também com os membros do grupo visitante. Assim, novas relações interpessoais são estabelecidas e cultivadas por ambas as partes num saudável e gratificante exercício social. De acordo com Vidovic, Vesna e Bratko (1999) na relação com o animal haverá o auxílio no desenvolvimento da empatia em crianças, já que as mesmas estarão vinculadas aos sentimentos e as necessidades de outro ser, também ocasionando um comportamento pró-social.

Os animais quando utilizados na TAA como intervenção em crianças em acolhimento institucional, podem proporcionar uma sensação de conforto, pois não julgam e interagem de forma carinhosa, na maioria das vezes, respondendo a necessidade de atenção da criança, onde haverá uma troca de amizade, sendo uma ferramenta que auxiliara na assistência que será oferecida as crianças.

Dessa forma, conforme Delarissa (2003) em instituições que adotam programas de visitas periódicas de animais, desempenhando uma ou mais funções de um objeto transicional –, os remédios nem sempre vêm em frascos, podendo vir sobre outra forma de apresentação: quatro patas.

Nesse sentido, o cão como coterapeuta exercerá a função de facilitar a formação de vínculos, para que assim, o psicólogo tenha abertura para se adentrar nessa relação, e juntamente com o cão, promover o desenvolvimento de habilidades psicológicas, cognitivas e sociais, isto posto, o vínculo afetivo entre cão e criança será a chave para o sucesso da intervenção, pois conseqüentemente facilitará a comunicação e interação da criança com o terapeuta, também exercendo função de catalisador dos sentimentos e fantasias das crianças que terão contato, oferecendo amor incondicional, afeto e até mesmo, a amizade e força para enfrentar a realidade em que se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terapia assistida por cães apresenta uma alternativa diferenciada de intervenção na área da psicologia, evidenciando que a utilização de animais é benéfica e traz resultados positivos para o bem-estar do ser humano, principalmente para crianças. Em situação de acolhimento institucional são levantadas inúmeras vantagens para a prática do psicólogo ao lidar com crianças que estão inseridas nesse

ambiente, possibilitando dessa forma, a existência de uma nova técnica que se torna aliada ao papel do psicólogo.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. C.; SILVA, D. B. da; DUARTE, B. A.; ALMEIDA, A.; BAMBIRRA, S. A. (s/d). **Atividade assistida por animais no lar Augusto Silva**. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/wpcontent/uploads/2015/07/AAA_no_Lar_Augusto.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2017.

AGUIAR, O. X. de; CARRERO, M. L. C.; RONDINA, R. de C. Casa abrigo: possibilidade de atuação para o psicólogo. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, n. 9. 2007. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/l4x527DLReirAvi_2013-5-10-16-19-27.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

ALBUQUERQUE, N. de S.; CIARI, M. B. In: **Terapia assistida por animais**, 2016, cap. 1, p. 1-20.

American veterinary medical association. Wellness guidelines for animals in animal-assisted activity, animal-assisted therapy and resident animal programs. (2011). Disponível em: <<https://www.avma.org/kb/policies/pages/animal-assisted-interventions-guidelines.aspx>>. Acesso em: 02 set. 2017.

ANTONI, C.; KOLLER, S.H. O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. **Psicol. Ciênc. e profissão**, vol.21, n.1, p.14-29, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000100003>. Acesso em: 02 set. 2017.

ASSIS, S. G. de. Aspectos conceituais da violência na infância e adolescência. IN: LIMA, C. A. de. **violência faz mal à saúde**. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004. P. 43. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books-MS/06_0315_M.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017.

BOGADO, C. H. D.; FARACO, C. B. (2009). **Repercussão da terapia mediada por animais sobre o comportamento pró-social em criança institucionalizada: estudo de caso**. Disponível em: <<http://patastherapeutas.org/wpcontent/uploads/2015/07/TAA-e-comportamento-pr%C2%A2-social-em-criana%CC%81as.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

GOIÁS, Cartilha Acolhimento Institucional de Criança e Adolescente. GOIÁS: Ministério Público do Estado de Goiás. 2015. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2015/06/12/17_19_54_180_Cartilha_Acolhimento_Institucional_de_Crian%C3%A7a_e_Adolescente_MPGO.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2017.

CHELINI, M.O. M.; OTTA, E. **Terapia assistida por animais**. Barueri, SP: Manole, 2016.

DELARISSA, F. A. (2003). Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97655/delarissa_fa_me_assis.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 fev. 2017.

EFRON, A. M.; FAINBERG, E.; KLEINER, Y. **A hora de jogo diagnóstica**. s/d.

ESAAT- European society for animal therapy. (2011). Definition animal assisted therapy. Disponível em: <<http://www.en.esaat.org/definition-tiergestuetzter-therapie/>>. Acesso em: 02 set. 2017.

FARACO, C. B.; PIZZINATO, A.; CSORDAS, M. C.; MOREIRA, M. C.; ZAVASCHI, M. L. S.; SANTOS, T.; OLIVEIRA, V. L. de S.; BOSCHETTI, F. L.; MENTI, L. de M. Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre - TAA Parte III. **Saúde Coletiva**, vol. 6, n. 34, 2009, pp. 231-236. Editorial Bolina, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/842/84212106001.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

MOSSMAN, A. D.; FARACO, C. B. (s/d). **Influência da terapia mediada por cães para o desenvolvimento de empatia em crianças institucionalizadas**. Disponível em <<http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/TAA-e-empatia-em-criana%CC%81as-institucionalizadas.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

RAMOS, C. de M.; PRADO, S. F.; MANGABEIRA, V. Psicoterapia e terapia assistida por animais. In: CHELINI, M. O. M; OTTA, E. **Terapia assistida por animais**. Barueri, SP: Manole, 2016, p. 225.

ROMA, R. P. S. A relação entre o terapeuta, o condutor e o cão no contexto da terapia assistida por animais. In: CHELINI, M. O. M; OTTA, E. **Terapia assistida por animais**, Barueri, SP: Manole, 2016.

SANTOS, K. C. P. T. dos. **Terapia assistida por animais**: uma experiência além da ciência. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, E.R.A. da. O perfil da criança e do adolescente nos abrigos pesquisados. In: **O direito à convivência familiar e comunitária**: os abrigos para crianças e adolescentes no brasil. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004. P. 64. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ipea/direito_a_conviv_familiar_ip ea_2004.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017.

SILVA, L. M. da. Análise winnicottiana do ambiente de acolhimento institucional de crianças em situação de risco. **Anais V CIPSI**. Disponível em: <<http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/paper/view/726>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

SOUSA, B. D. R. R. de. **Reflexões sobre a experiência de acolhimento institucional infantil.** (2010). Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2034#preview-link0>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

SILVEIRA, N. da. **Imagens do inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

STEGANI, M. M. (s/d). **O papel do psicólogo nas instituições de acolhimento de crianças e adolescentes sob custódia judicial e em situação de vulnerabilidade social.** Disponível em: <<http://bit.ly/2hWR8O8>>. Acesso em: 10 mar 2017.

VACCARI, A. M. H.; ALMEIDA, F. de A. (2007). **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas.** Disponível em: <<http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Animais-de-estimaa%CC%81%E2%88%86o-e-hospitalizaa%CC%81%E2%88%86o.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

VIDOVIC, V. V.; VESNA, V. S.; BRATKO, D. Pet ownership, type of pet and socio-emotional development of school children. **Anthrozoos**, v. 12, n. 4, p. 211-217, 1999. Disponível em: <<http://bit.ly/2fMW9nw>>. Acesso em: 02 set. 2017.